

## PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS

Rodolfo Correa Pizzi<sup>1</sup>  
Camila Zacher Pereira<sup>2</sup>  
Marcio Silva Rodrigues<sup>3</sup>

### Resumo

Este artigo buscou descrever a visão das travestis e mulheres transexuais sobre a inserção no mercado de trabalho, abordando experiências anteriores e/ou atuais em empregos formais e informais. Além disso, investigou as relações nos ambientes de trabalho, escolar e familiar. Averiguou-se quais os planos profissionais das entrevistadas e sugestões para aumentar a participação deste público no mercado de trabalho formal. O estudo consistiu em uma pesquisa de abordagem qualitativa, realizada por entrevistas semiestruturadas com travestis e mulheres transexuais da cidade de Pelotas, já inseridas no mercado de trabalho, atuantes no ramo da prostituição, desempregadas e estudantes, a fim de descrever diversas visões sobre o tema. Por fim, os resultados indicam que o mercado é limitado, o espaço a elas permitido é restrito à área da beleza e prostituição, porém existe o interesse em conquistarem um emprego regular e/ou ampliarem suas esferas de conhecimento.

**Palavras-chave:** Travesti; Transexual; Mercado de trabalho.

## MITAD-ABRE PUERTAS: EL MERCADO DE TRABAJO DESDE LA PERSPECTIVA DE TRAVESTIS Y MUJERES TRANSEXUALES

### Resumen

---

<sup>1</sup> Tecnólogo em Processos Gerenciais pela Universidade Federal de Pelotas. Email: rodolfopizzi@gmail.com

<sup>2</sup> Tecnólogo em Processos Gerenciais pela Universidade Federal de Pelotas. Email: camila\_zacher@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Doutor em Administração (UFSC). Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais e do Departamento de Administração e do Curso de Bacharelado em Administração da Universidade Federal de Pelotas. Email: marciosilvarodrigues@gmail.com

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

Este artículo intentó describir la visión de mujeres transexuales y travestis en la inserción en el mercado de trabajo, abordando las experiencias pasadas o presentes en puestos de trabajo formales e informales. Además, investigó las relaciones en entornos de trabajo, escuela y familia. Datos de la cual los profesionales entrevistados planes y sugerencias para aumentar la participación pública en el mercado de trabajo formal. El estudio consistió en un estudio de enfoque cualitativo, las entrevistas semiestructuradas realizadas con travestis y mujeres transexuales en la ciudad de Pelotas, ya insertadas en el mercado de trabajo, activo en el negocio de la prostitución, desempleados y estudiantes a fin de describir diversas opiniones sobre el tema. Por último, los resultados indican que el mercado es limitado, les permitieron el espacio es restringido al área de la belleza y la prostitución, pero hay interés en tener un trabajo regular o extender sus esferas de conocimiento.

**Palabras-clave:** Travesti; Transexual; Mercado de trabajo.

65

**HALF-OPEN DOORS: THE LABOR MARKET FROM THE PERSPECTIVE OF TRANSVESTITE AND TRANSEXUAL WOMEN**

**Abstract**

This article sought to describe the vision of transvestite and transsexual women on the insertion in the labour market, addressing past experiences and/or present in formal and informal jobs. In addition, investigated the relationships in environments of work, school and family. Data from which the interviewed professionals plans and suggestions to increase public participation in the formal labour market. The study consisted of a survey of qualitative approach, semi-structured interviews carried out with transvestite and transsexual women in the city of Pelotas, already inserted in the labour market, active in the business of prostitution, unemployed and students in order to describe various views on the subject. Finally, the results indicate that the market is limited, space them allowed is restricted to the area of beauty and prostitution, but there is interest in take a regular job and/or extend their spheres of knowledge.

**Keywords:** Transvestite; Transsexual; Labour market.

## **Introdução**

Observando a relação entre o dinheiro e a sociedade moderna, podemos perceber a sua presença em grande parte das atividades cotidianas, sejam elas pessoais, profissionais ou comerciais. Consequentemente, nos vimos dependentes do capital, portanto, para os que possuem apenas a si, vender a força de trabalho é a única maneira de provê-lo.

Principalmente nos últimos anos, o mercado de trabalho brasileiro enfrenta severas dificuldades, ocasionando a diminuição de postos de trabalho vacantes (MATTOS, 2015). Tal prática é reforçada pela forma de funcionamento atual das organizações, submetidas ao sistema capitalista, buscando conter custos e reduzir o produto força de trabalho. Assim, o mercado tornou-se mais competitivo, exigindo um perfil mais qualificado e multifuncional (SILVA, 2010). Apesar da ideia de competição igualitária e meritocrática que transparece deste cenário, os critérios de inserção nem sempre são justos, tendo em vista que o mercado possui o homem branco como perfil preferencial (SOARES, 2000).

Sendo assim, candidatos que não pertencem à esse padrão tendem a ser excluídos, o que acontece com as travestis e pessoas transexuais<sup>4</sup>. Os números relacionados a essa comunidade no mercado de trabalho são bem escassos e pouco explorados, mas de qualquer maneira, são gritantes. A Associação Nacional de Travestis e Transexuais estipula que 90% das

---

<sup>4</sup> Neste trabalho, direcionamos nossas considerações mais especificamente para as travestis e transexuais femininas, classificando-as como tal pela própria identificação com cada termo.

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

transexuais e travestis do Brasil atuam no mercado da prostituição<sup>5</sup>. Eventualmente, algumas transgêneros alcançam posições com mais relevância no mercado de trabalho, entretanto, ainda lidam com o preconceito perante sua condição<sup>6</sup>.

Tendo em vista o cenário apresentado e sabendo que ante o diálogo sobre identidade de gênero o tabu ainda não foi quebrado, torna-se socialmente importante e necessário que os motivos que justificam a atuação de poucas travestis e transexuais no mercado de trabalho formal sejam constatados, relatados e refletidos.

Em face desta questão, este artigo tem como objetivo principal descrever a percepção das travestis e mulheres transexuais sobre a inserção no mercado de trabalho. Para contemplar tal objetivo, o estudo busca constatar quais são as perspectivas dos sujeitos em relação ao seu futuro profissional, além da concepção que elas possuem delas mesmas e do trabalho, e o espaço que elas possuem dentro da sociedade. Também pretende relatar as condições encontradas dentro do ambiente de trabalho, preconceitos e/ou apoio dentro da equipe e no núcleo familiar.

Dentro do ambiente acadêmico, encontramos um considerável número de trabalhos sobre as travestis e mulheres transexuais (GARCIA, 2007; OLIVEIRA, 1997; PELÚCIO 2005; BENEDETTI, 2005; FERREIRA, 2016), mas que abordam, especialmente, seus cotidianos e o mercado da prostituição. Nos últimos anos, foram desenvolvidos estudos que conectam a transexualidade com o mercado de trabalho, não obstante, são poucos (CARRIERI, SOUZA e AGUIAR, 2014; RONDAS e MACHADO, 2013; IRIGARAY, 2010).

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-para-que/o-preconceito-contra-transexuais-no-mercado-de-trabalho-2970.html>>

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/os-desafios-que-transexuais-enfrentam-no-mercado-de-trabalho/>>

## “PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

Desta forma, pretendemos contribuir com os poucos estudos existentes na área da Administração nesta temática, além de refletir e colaborar com a diminuição do estigma das travestis e transexuais, e indagar as concepções de igualdade, democracia, diversidade e participação no mercado de trabalho.

Levando em consideração a questão do ensino e discussão dentro da sala de aula, a relevância deste trabalho dá-se pela necessidade de formar profissionais capacitados a lidarem com a heterogeneidade das equipes de trabalho, trazendo a reflexão a respeito das transgêneros, de forma que as organizações, cada vez mais, aceitem a diversidade, dando espaço, oportunidades e respeito àqueles que desejam apenas igualdade, tanto no dia-a-dia como na busca por um emprego.

Além desta introdução, este trabalho está estruturado da seguinte forma: seção dois, apresenta a fundamentação teórica sobre identidade e gênero, além de abordar a relação entre transgêneros e o mercado de trabalho; seção três, os caminhos percorridos, percalços e os métodos adotados para a coleta e análise de dados; seção quatro, reflexão e análise dos dados; e seção cinco, dar-se pelas considerações finais.

68

### **Diante do espelho**

Ao longo da história da sociedade moderna ocidental, os conceitos de sexo e gênero foram interpretados como algo único. Ao nascer, a pessoa é identificada pelo seu órgão genital e classificada como menino ou menina, ou seja, homem ou mulher. Desta forma, o homem e a mulher são, automaticamente atrelados, desde a infância, aos termos masculino e feminino, respectivamente, sendo obrigados a agir de acordo com o seu

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

sexo de nascença, onde meninos devem brincar com carrinhos e meninas brincarem com bonecas, por exemplo.

A partir dos anos de 1970, com o crescimento do movimento feminista, aumentou a discussão sobre a separação desses termos (FAUSTO-STERLING, 2002). Segundo a autora Judith Butler (2010), sexo foi ligado a parte biológica, ao corpo, inerente àquele ser e que não se pode mudar. Já o gênero é uma construção social, adotada pelo sujeito de acordo com o ambiente no qual está inserido. Sendo assim, o sexo não necessariamente dita o gênero, já que esse é uma performance, possibilitando a existência de sujeitos homens femininos e mulheres masculinas (BUTLER, 2010).

Butler (2010) nos coloca em meio a questionamentos sobre qual seria o real conceito de sexo, sugerindo que o termo é tido como pré-discursivo, natural e anterior à história. Assim, devemos repensar sua definição e quais características levaram ao sentido atual da palavra. Em algumas linhas de pesquisa dentro da biologia ainda se discute tal ideia (FAUSTO-STERLING, 2002), destacando que os elementos anatômicos, cromossômicos e hormonais não necessariamente asseguram seu significado. O sexo pode ser tão culturalmente construído quanto o gênero, e inclusive, talvez não haja diferença entre os dois, visto que os dois possam ser os mesmos (BUTLER, 2010).

Essas teorias vão de encontro com as propostas levantadas por Pierre Bourdieu (2002), que fala sobre como sexo e gênero são termos que tiveram seus significados produzidos e reproduzidos pelas estruturas heteronormativas e androcêntricas as quais estamos submetidos, como a família, a religião e a medicina, que atuam como dominantes e

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

culpabilizam os dominados. A forma dicotômica da construção desses termos só busca limitar a discussão entre eles (BOURDIEU, 2002).

A performance do gênero é estimulada diretamente por essas instituições. Apesar da palavra remeter a imagem do sujeito em adotar ou não um comportamento de acordo com a sua própria vontade, seu conceito deve ser tomado por “normas impostas aos sujeitos e com relação às quais eles podem viver ou entrar em conflito, normas que vêm de fora, mas são internalizadas e literalmente incorporadas” (MISKOLCI; PELÚCIO, 2007, p. 11).

Dois grupos que rompem com essas normas, são as travestis e as mulheres transexuais. Ainda que em algumas situações, reforcem a ordem do binarismo, sua existência por si só já afronta os padrões estabelecidos pela sociedade ocidental (MISKOLCI; PELÚCIO, 2007).

Dentro do meio acadêmico, ainda existem discussões sobre os conceitos de travestis e transexuais, sendo atualizados de forma constante. Em meio à nossa pesquisa, ademais, encontramos relatos que contradiziam as definições aqui descritas, revelando a diversidade de realidades que esta comunidade apresenta.

As travestis são significadas como homens que adotam atitudes e comportamentos que aludem ao sexo feminino, transformando seus corpos mediante tratamentos estéticos, hormonais e/ou cirurgias, mas que não se enxergam nem como mulher (MISKOLCI; PELÚCIO, 2007), nem como homem; considerando-se alusivas a uma espécie de terceiro gênero ou, alguns sujeitos, não-gênero (JESUS, 2012). A rejeição à cirurgia de mudança de sexo que antes era vista como condição necessária para ser tida por travesti, já não é uma questão obrigatória, como apontada há alguns anos atrás (BENEDETTI, 2005).

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

As pessoas transexuais também desafiam a ordem binária. Apesar de nascerem sendo classificadas por um sexo, se identificam como pertencentes ao outro (JESUS, 2012). Assim como ocorreu com as travestis, o processo transexualizador que era considerado como condição essencial para desfrutar de sua condição com satisfação (BENEDETTI, 2005), atualmente é prescindível. Acreditamos que a maneira como a pessoa se identifica é o que realmente importa, independente das características que cada termo carrega.

Tanto as travestis quanto as mulheres transexuais, são influenciadas por vários perfis e ambientes ao longo de suas existências, constituindo uma identidade bastante pluralizada. Alguns trabalhos que abordam a vida e o cotidiano deste público (GARCIA, 2007; OLIVEIRA 1997) fazem alusão a essa construção como uma colcha de retalhos, algo em eterno desenvolvimento, demonstrando a variedade de ambientes e realidades que as circundam, através das relações familiares, sociais e profissionais.

Infelizmente, ao passo que não se adequam ao padrão binário, essas relações primordiais podem ser prejudicadas. O processo de exclusão pode ocorrer durante o período escolar. As piadas em relação aos seus interesses predominantemente femininos que são escutadas durante todo esse trajeto e a falta de preparo dos profissionais envolvidos, acaba resultando na evasão precoce desses sujeitos da escola, sem ter a possibilidade de concluir o ensino fundamental ou médio (BENTO, 2011).

No ambiente domiciliar, o cenário é semelhante. A não aceitação da família, principalmente por parte do pai, faz com que muitas saiam de casa cedo e a prostituição se mostra como a única forma de prover seu sustento (GARCIA, 2007). Até mesmo em questões relacionadas à saúde

## “PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

encontram dificuldades e preconceitos (MULLER; KNAUTH, 2010). Como reflexo de todo esse processo de exclusão, a expectativa de vida do grupo é relativamente baixa, cerca de 35 anos, menos que a metade da média nacional, que é de 75,5 anos<sup>7</sup>.

Assim, vimos que as transgêneros são acompanhadas pelo preconceito ao longo da infância e vida adulta. Erving Goffman (1988) transcorre, em sua obra “Estigma”, sobre a maneira pela qual as pessoas estigmatizadas são capazes de passar pela infância e adolescência sem sofrer grandes problemas, tendo em vista sua condição considerada anormal, mas ao decorrer da sua vida, com o estabelecimento de relações sociais e a procura por um emprego, o preconceito pode prejudicar o sujeito estigmatizado em possuir uma vida comum.

### O sol (não) é para todos

Dentro do mercado de trabalho, ainda existe uma barreira (in)visível quanto à diversidade sexual, as empresas enxergam não só as transgêneros, como também o público LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros) em geral, de modo depreciativo. Um estudo realizado pela Consultoria Santo Caos (2015)<sup>8</sup> investigou essa relação, demonstrando o preconceito ainda remanescente. Embora que 47% dos entrevistados assumem sua orientação sexual, 90% só o faz para funcionários do mesmo nível hierárquico. No ambiente interno da empresa, 40% afirmaram já terem sofrido algum tipo de preconceito pelos colegas de trabalho.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/expectativa-de-vida-de-transsexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional>>

<sup>8</sup> Disponível em <<http://www.demitindopreconceitos.com/>>

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

Amparados pela figura que tende a ser mais normativa, os gays, as lésbicas e os bissexuais propendem a atravessar de maneira mais simples, o processo de inserção no mercado profissional. Contudo, são coagidos a adotarem estratégias que ocultem sua orientação sexual, se passando por heterossexuais e às vezes, até, reforçando estereótipos e preconceitos visando respeito dos colegas de trabalho (IRIGARAY, 2010; IRIGARAY; FREITAS, 2013).

Pelo olhar das transgêneros, o jogo das aparências é uma das dificuldades que atrapalham sua inserção no mercado de trabalho formal, como apontada por uma das *drag queens* entrevistadas em um trecho do documentário *Paris is Burning* (LIVINGSTON, 1991), que visa retratar o ambiente dos bailes de apresentações de *drag queens* e travestis em Nova Iorque no meio da década de 1980. Nas competições, era comum a presença da categoria “executivo”, na qual os jurados do baile julgavam a caracterização da intérprete como um homem de negócios dos anos de 1980.

O fato que você não é um executivo, é por conta das barreiras sociais [...] os negros têm dificuldade de ir a qualquer lugar, e os que conseguem, geralmente são héteros. Em um baile, você pode ser o que quiser. Você não é um executivo, mas se parece com um executivo. Então você mostra para o mundo hétero que você poderia ser um executivo. Se eu tivesse a oportunidade, poderia ser um, porque posso parecer um, e isso dá muita satisfação (LIVINGSTON, 1991, s. p.).

No âmbito das mulheres transexuais e travestis, o preconceito vai além da aparência. Diferente do que pode ocorrer com as lésbicas, as travestis não conseguem esconder sua condição visando adentrar ao mercado de trabalho (CARRIERI; SOUZA; AGUIAR, 2014), o resquício da barba, o grave na voz que, por vezes se revela, ilustram que a sociedade só

## “PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

sabe lidar com o que consegue nomear, enquadrar e classificar. As mulheres transexuais apresentam terem mais tolerância, mesmo assim, sofrem na hora da utilização do nome social, quase sempre sendo tratadas pelo nome civil (CARRIERI; SOUZA; AGUIAR, 2014; IRIGARAY, 2010).

Poucas permanecem durante um longo período em um emprego e, quando conseguem, não possuem perspectivas de crescimento (RONDAS; MACHADO, 2015). Até mesmo profissionais de Recursos Humanos se mostram relutantes quanto à inserção destes sujeitos, classificando o emprego por elas obtido como uma espécie de favor, sem ter direito a solicitar auxílio em situações de desentendimento com os outros colaboradores (IRIGARAY, 2010).

O baixo índice de escolaridade dessa população também austeriza os caminhos que levam a conquistar um vínculo empregatício (SOUZA; BERNARDO, 2014), que em muitos casos, não possuem nenhum tipo de qualificação ou preparo para competir igualmente por uma vaga de emprego.

Atualmente, existem algumas iniciativas que buscam facilitar a inserção deste grupo no mercado de trabalho formal. Uma dessas ações é o site Transempregos<sup>9</sup>, que disponibiliza vagas de emprego exclusivas para o público trans. Além disso, algumas universidades estão adotando o sistema de cotas para travestis, transexuais e transgêneros, como é o caso da Universidade Federal da Bahia que já conta com este projeto nos cursos de pós-graduação<sup>10</sup>. Como clientes, o público trans dispõe da página Transerviços<sup>11</sup> que oferece um espaço para empresas que prestam serviço, sem discriminação com pessoas trans.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.transempregos.com.br/>>

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://projecolabora.com.br/inclusao-social/cotas-para-negros-e-transexuais/>>

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.transservicos.com.br/>>

## **Caminhos percorridos**

Neste tópico, explicitamos as escolhas adotadas para a coleta de dados, os instrumentos utilizados, a forma de análise dos dados, além da descrição do campo e dos sujeitos que foram pesquisados.

A classificação da pesquisa em relação aos objetivos é descritiva, o que de acordo com Gil (2002) caracteriza-se pelo objetivo de levantar opiniões, atitudes e crenças de determinada população. Partimos de uma abordagem qualitativa, que tem como aspectos substanciais “à descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem, ao depoimento dos atores sociais envolvidos, aos discursos, aos significados e aos contextos” (VIEIRA e ZOUAIN, 2004, p. 15). Objetivando compreender a percepção dos sujeitos pesquisados em relação ao mercado de trabalho, empregamos como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, tendo as questões primordiais baseadas na fundamentação teórica utilizada, proporcionando outros questionamentos a partir das respostas do entrevistado, conforme corrobora Triviños (1987).

O roteiro de entrevistas foi segmentado em duas partes: pessoal, abordando questões sobre a interação familiar, escolar, com a sociedade, consigo mesma e com o corpo, e; profissional, que versava sobre as relações com o mercado e as experiências, além das possíveis barreiras e preconceitos, competições, planos para o futuro e participação do grupo dentro do mercado de trabalho formal e informal. A interpretação dos dados foi feita relacionando os resultados obtidos com as referências utilizadas no artigo.

A ideia inicial no que concerne ao objeto de estudo, era selecionar oito mulheres transexuais e/ou travestis que residem na cidade de Pelotas,

## “PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

sendo duas estudantes, duas desempregadas, duas empregadas e duas que atuam na prostituição, relacionando-as por paridade, de acordo com a semelhança dos perfis, a fim de averiguar se haveria existência de visões heterogêneas das duplas em questão sobre o tema. Elaboramos quatro questionários diferentes, de acordo com cada categoria, porém, no decorrer da realização das entrevistas, observamos que os perfis transitavam dentre os grupos estabelecidos. Portanto, optamos por unificar todos os roteiros de perguntas e abdicar do objetivo original, buscando travestis e/ou mulheres transexuais independente dos perfis propostos, reproduzindo visões bastante diversificadas sobre o assunto.

O período de realização das entrevistas ocorreu dentro do mês de maio de 2017 até o início de julho do mesmo ano. Em vista de preservar as identidades das pesquisadas, não adotamos seus nomes originais, nomeando-as de E1 a E8, sendo: E1, mulher transexual, 22 anos, universitária; E2, mulher transexual, 31 anos, universitária; E3, mulher transexual, 44 anos, cabeleireira, ensino médio completo; E4, travesti, 31 anos, cabeleireira, ensino médio completo; E5, mulher transexual, 42 anos, desempregada, ensino médio completo; E6, travesti, 26 anos, garota de programa, ensino médio incompleto; E7, mulher transexual, 27 anos, desempregada, ensino fundamental incompleto; E8, travesti, 52 anos, “pai de santo”, ensino fundamental incompleto. A variedade de faixa etária e grau de instrução, contribuíram com a diversidade de opiniões sobre o tema. Os locais das entrevistas variaram entre a casa das entrevistadas, locais públicos e ambiente de trabalho, sendo todas gravadas em áudio, com duração de 15 minutos a uma hora, posteriormente transcritas.

Os contatos foram realizados através da indicação de pessoas próximas e em grupos com a temática trans dentro de redes sociais.

## “PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

Encontramos diversas dificuldades quanto ao retorno dos contatos, e diante do curto prazo de entrega do trabalho final, resolvemos adotar outros meios de coleta, como entrevistas por e-mail com pessoas transexuais e travestis de outros estados do Brasil. Contudo, alcançamos o número de entrevistas estabelecidos antes das datas do cronograma predeterminado, descartando a necessidade da utilização destes dados secundários em um primeiro momento, já que estudamos empregá-los em trabalhos futuros.

Na análise dos dados, optamos pela técnica descritiva-interpretativa, sistematizando as experiências relatadas em relação aos tópicos abordados na entrevista e associando-as a com a fundamentação teórica (TRIVIÑOS, 1987).

### Resultados e discussões

77

Como comentado no tópico anterior, dividimos a estruturação dos dados em dois segmentos, que serão discutidos neste item.

#### *Eu e Alice*

Remetemos este segmento para descrever a trajetória de vida e as visões e relações das interlocutoras pesquisadas acerca da sociedade, dividindo em subseções compostas pela trajetória pessoal e o processo de transição, passando por criação, infância, adolescência e fase adulta; a vida escolar e as violências e adversidades encontradas; e a composição da identidade, os estigmas, a percepção que possuem sobre si mesmas e como acreditam que são vistas.

### Do berço à adolescência

Durante as entrevistas, observamos que desde a infância as transgêneros percebiam que eram diferentes das demais crianças “isso é desde o berço” (E7). Sentiam que não se enquadravam nas normas binárias (BUTLER 2010), porém, enxergavam com naturalidade suas vontades de brincarem com coisas ditas femininas. Fato esse que corrobora com a teoria de Goffman (1988) que afirma que as diferenças e/ou estigmas não afetam de forma negativa a infância do indivíduo. No entanto, os relatos demonstram que a agressão verbal está presente já no início da adolescência: “que vai começar a caça, né, ‘aqui tá que nem floresta, vai começar a caça’ aí gritaram ‘vamo caçar viadinho’” (E4).

Para as entrevistadas, a dissociação com o corpo é percebida já na puberdade: “foi na minha fase de adolescência que eu me olhava no espelho e não dizia a mesma coisa, eu achava estranha assim, a roupa masculina não era eu, sabe? Não tinha nada a ver comigo” (E5). A maioria interpreta o processo de transição “como se tivesse etapas, são metamorfoses da tua vida” (E3), passando pela homossexualidade e culminando em travesti ou transexual. Ainda com anseio da matriz heteronormativa (BUTLER, 2010), E1 adotou uma atitude que pudesse transitar entre os gêneros masculino e feminino: “aí eu aderi um estilo meio gótico, então aquilo combinava tanto com menino quanto com menina, então eu andava de preto, usava um lápis bem escuro” (E1).

As dificuldades enfrentadas agravaram ainda mais com o desconhecimento e intolerância de pessoas próximas como amigos e familiares em lidar com a fase homossexual: “eles descobriram que eu era homossexual aos 13 anos, aí o meu irmão me levou no cabaré, essas coisas

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

que a família inventa que tem que passar. Aí viram que não era a solução, eu saí de casa” (E8). Além da obrigação em se enquadrarem na heteronormatividade, a homossexualidade era vista como doença: “existiu aquele momento ‘ah tu está doente, tem que ser tratado’, existiu hipótese de eu ser tratada, de ser mandada pra psicóloga, pra psiquiatra, né?” (E3).

A “metamorfose” só é concluída, na maioria dos casos, quando alcançada a maioridade: “pela minha criação, a gente ouvia que só ia ter liberdade e independência quando tivesse 18 anos” (E3). Isso denota o sofrimento durante o período de percepção da dissociação com o corpo até o processo de transição, passando por depressões e reprimindo seus desejos e pensamentos “eu esperava sempre que com o passar dos anos eu ia ficar igual a minha amiga e aquilo não acontecia, sabe?” (E3).

Ao assumir suas identidades femininas, a reação da família, independente da criação, dogmas e classe social, na maioria dos casos<sup>12</sup>, é de rejeição: “A pior rejeição que a gente tem é a da família” (E6). Passado determinado tempo (que variou entre meses e anos), inicia-se o processo de compreensão e aceitação da família, principalmente pela mãe. Assim como encontramos no trabalho de Garcia (2007), o pai possui mais dificuldade no que tange a esse processo: “meu pai é uma relação meio complicada assim e enfim, ele foi parte de algo opressor [...] Mas assim, não que a gente não tenha uma relação boa, sabe?” (E2).

De todo modo, E8 experienciou uma situação diferente. Quando resolveu vivenciar a sua identidade, fugiu de casa apenas com 13 anos, sendo obrigada a transitar entre as ruas de Porto Alegre, a marginalidade e a prostituição: “você era pra ter deixado esse guri morrer, isso aí não vale nada, isso não presta, isso já veio com defeito!”, dizia a minha vó, mãe do meu pai” (E8). Tal situação entra em consonância com os resultados de

<sup>12</sup> Uma das entrevistas não quis abordar o tópico familiar.

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

Garcia (2007) relativos à fuga precoce do lar. Anos mais tarde, depois de ter alcançado uma vida estável, já em Pelotas, se impôs para conquistar a aceitação familiar, mas nunca conseguiu estabelecer uma relação de real afeto: “Hoje todos me aceitam, até mesmo porque eu me fiz respeitar. Eu não dependi deles. Desde a vez que eu saí de casa eu nunca mais dependi da família, nunca mais” (E8).

“As pessoas acham que eu sou formada em 1500 coisas, mas na verdade a minha formação é a vida”

“Terrível” (E7). Essa foi a concepção predominante entre as entrevistadas referente ao período escolar. A agressão física e verbal por parte dos colegas e o fato dos professores também não saberem lidar com a sua condição, foram fatores que levaram E7 a abandonar os estudos logo nas séries iniciais: “Eram todos os dias, Polícia Civil, Brigada Militar na porta da escola pra me retirar da escola porque eu era o saco de pancada” (E7). No entanto, independentemente do ambiente hostil que a escola representa para esse público (BENTO, 2011), para algumas não foi o suficiente para que desistissem de sua formação: “Eu era a maçãzinha podre da sala porque eu... era muito bullying, por parte de professor que não aceitava o meu jeito, que as vezes tentava me reprimir” (E1).

Ainda dentro da escola, havia outros empecilhos que dificultavam a inserção do grupo na instituição, que vão ao encontro das constatações de Souza e Bernardo (2014). Uma das questões recorrentes foram em relação a árdua tarefa de se utilizar o banheiro:

Então eu tive que lutar por isso também no meu colégio, porque a própria diretora ela não achava que deveria ser assim, só que eu dizia pra ela: ‘eu não consigo ir no

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

banheiro, eu passo os 5, 6, 7 períodos com vontade de ir ao banheiro porque eu não sei aonde eu vou no seu colégio, eu não tenho um espaço pra mim’, eu dizia pra ela... ‘eu não vejo maldade de ir no banheiro feminino, porque eu me sinto tão mulher quanto qualquer outra que tá andando aí’, e eu dizia pra ela: ‘pode ter certeza que eu vou lá pra fazer xixi, não é pra agarrar ninguém’. Muito mais complicado pra mim seria eu ir no banheiro masculino... não pelo fato que eu fosse fazer alguma coisa, mas eu tinha certeza que eles fariam e depois negariam porque eu já tinha passado por isso, então entendesse? (E3)

As aulas de Educação Física e as filas que dividiam entre meninos e meninas também foi apontado por causar desconforto para uma das participantes da pesquisa:

tinha a fila dos meninos e a fila das meninas, e eu tinha vergonha de chegar naquele certo horário porque eu tinha que ir pro, pra fila das meninas e aquilo me constrangia. Então sempre que, sempre chegava atrasada, porque eu não queria passar aquilo. Na educação física também, a gente ia pro pátio aí a gente tinha que jogar futebol, essas coisas assim. Eu não ia, eu ficava doente. Um dia eu fiquei em recuperação porque eu não assistia (E5).

81

“As trans são meio vistas como objetos”

Uma situação comum para qualquer pessoa, como andar na rua durante o dia, para travestis e transexuais não é tão simples assim: “Do nada tu tá andando na rua e quando vê: ‘ah, o viado’. Quando tem um monte de gente, assim, um monte de guri. Aí quando vê voa uma garrafa, e aí já vem aquele monte de cara” (E6). A partir dos relatos das envolvidas, o espaço permitido a elas é a noite, dentro da marginalidade e da prostituição: “tanto que tu pode andar de dia e tu não vê uma travesti na rua, é raro” (E6). Em Pelotas, a rua Santa Tecla é comumente conhecida

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

como o território das travestis e mulheres transexuais: “Eu acho que, óbvio que se você passa na esquina de noite e vê 5, 10 travestis se prostituindo e transexuais se prostituindo, é tipo normal, sabe? E aí então esse é o local né, o espaço que elas podem frequentar, que a gente pode frequentar” (E2).

Como Goffman (1988) propõe, o sujeito não consegue se desvincular do estigma que carrega acerca da sua condição: “eu fui assaltada e o cara pediu meu celular e eu falei assim: ‘moço, eu só tenho o meu material da faculdade’, ele olhou pra mim e falou assim: ‘mas peraí, o que que você é?’. Acho que ele imaginou que eu, sendo uma transexual, não poderia tá no espaço acadêmico, sabe?” (E2). Podemos confirmar essa teoria de forma unânime pelas entrevistadas, que relatam ter a imagem atrelada à prostituição e à vida noturna, independente de atuarem nessa área ou não: “porque várias pessoas que tem, tipo assim, no Facebook mesmo, as vezes tem gente me adicionando perguntando quanto eu cobro por programa, entendesse?” (E4).

No que tange ao fim desse estigma, as opiniões divergem. Apesar de julgarem como um processo árduo e de longo prazo, existem as que possuem um olhar positivo para esse desfecho no futuro: “ah, eu acho que sim. [...] Eu acho que tudo tá somando, né? Há tempos atrás isso era escondido, agora já começou a aparecer mais. Hoje em dia já tá batido, já tem internet, já tá na mídia” (E5). No entanto, outras desacreditam dessa possibilidade: “eu acho que sempre vai existir. Por causa que se fosse o caso de deixar de existir, as travestis teriam mais espaço no mercado de trabalho, e tu pode ir em qualquer lugar que não tem” (E6).

Mesmo diante das opiniões pejorativas advindas da sociedade, todas afirmam não se importarem com a maneira como são vistas: “eu não

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

me preocupo tanto com o que as pessoas acham, sabe? [...] eu paro pra pensar nessa relação né, eu e as pessoas, mas hoje eu quero me sentir bem comigo mesma, sabe? E não me importar com o que as outras pessoas acham sobre mim” (E2). Mediante os obstáculos enfrentados pela transição, todas se intitulam guerreiras e afirmam sentirem orgulho de sua trajetória:

É complicado a rua, o ir e vir? É. É triste as vezes tu subir num ônibus, te sentar e o ônibus tá lotado e do teu lado tem um banco vazio e ninguém sentar. É triste. Mas eu me orgulho tanto de tantas vezes que eu levantei do meu banco e dei lugar pra uma pessoa idosa sentar que um dito hétero, com criação cheia de moral, não teve a capacidade de fazer (E3).

*Um lugar ao sol*

A segunda parte da discussão dos dados retrata as opiniões e experiências das interpeladas a respeito do trabalho, discorrendo sobre os mercados formal e informal, expondo preconceitos, atitudes e desvantagens. Ao final, indagamos formas de aumentar a participação do público trans no mercado de trabalho e ouvimos seus planos e sonhos para o futuro.

“Porque eu nunca ia abrir mão do que eu sou pra agradar alguém...”

Todas as entrevistadas possuem experiência no mercado de trabalho formal, mas é possível dividi-las de maneira dicotômica. A longevidade em um emprego não é uma realidade vivenciada por todas (RONDAS e MACHADO, 2011). Enquanto metade das pesquisadas

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

exerceram funções por um curto período: “eu trabalhei em umas 8 empresas, só que eu trabalhava pouco. Eu trabalhava tipo assim, uns 6 meses em um, 8 meses em outro” (E1), o restante permaneceu no emprego entre 9 a 15 anos: “em Pelotas eu trabalhei num outro salão no Centro, na equipe que eu fiquei acho que uns 14 anos lá” (E5).

Atualmente, apenas duas das entrevistadas estão inseridas no mercado formal, atuando em salões de beleza. O cargo de cabeleireira, mesmo sendo um clichê dentro dessa comunidade, é avaliado como uma profissão que amam e têm o prazer de exercer: “ser cabeleireira é trabalhar com arte, tu é uma artista, a tela é o meu cliente” (E3).

É importante ressaltar que E2 depois da transição não conseguiu outros empregos: “trabalhos informais assim, que eu tentava fazer, por exemplo, trabalho de garçomete em festa, eu não conseguia... tipo, bico em restaurante lá no Rio de Janeiro, por exemplo, que um amigo meu trabalhava, eu não consegui, sabe?” (E2). Assim como encontrado no estudo de Bento (2011), E6 não procurou emprego depois de se assumir travesti, pois pensa que o mercado discrimina a sua condição: “a gente não tem espaço, é tudo muito limitado” (E6), sendo obrigada a recorrer à prostituição como forma de sobrevivência: “eu nunca imaginei que eu ia fazer o que acabei fazendo” (E6).

Com essa visão do espaço limitado dentro do mercado de trabalho, a maioria das entrevistadas teve que recorrer à prostituição em busca de uma renda, mesmo que por um curto período de tempo. A profissão de garota de programa é interpretada por todas as interpeladas como um emprego digno, podendo ser comparado com qualquer outro: “quer dizer, todo mundo pensa que não é um serviço digno entendesse? Mas só que as pessoas não sabem o que se gera atrás disso, mas que tem muita procura

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

tem” (E4). A procura elevada de clientes existentes nesse âmbito, faz com que algumas fiquem “acomodadas com aquilo” (E5), sabendo que a remuneração pode ultrapassar muitos cargos do mercado formal: “às vezes chega a trabalhar num dia e não tira uma hora de um programa que uma trans fez, sabe. [...] elas pensam ‘como que eu vou ficar oito horas trabalhando num, dentro de uma loja atendendo, de atendente e ganhar 30, 40, sendo que isso me dá em um?’ (risos)” (E5).

Embora tenha o atrativo do dinheiro, a prostituição é cercada pela violência e a sensação de “sair pra fazer um programa e não voltar” (E8). O pensamento de sair desse mercado, por conta dessas questões é ilustrado pela E6: “Largaria sim, independente de qualquer área. Por causa que a prostituição é perigosa. Por mais que o dinheiro que seja ali, é perigoso. Tu não sabe se entrar num carro tu vai voltar, se o cliente vai te tratar bem... ah é, tem vários poréns”.

Nesse sentido, o conceito de trabalho foi interpretado por elas como “uma relação de necessidade, [...] mas que muitas das vezes ela é opressora e que ela reprime” (E2). Muita das vezes, pessoas que não tem oportunidades em outras áreas são forçadas a exercer funções as quais não possuem interesse, mas as fazem pela necessidade: “eu acho que é uma coisa de sujeição, as pessoas têm que se sujeitar. Não que queira, por exemplo... limpar a rua, mas como não tem outra opção, tem que se sujeitar aquilo dali” (E8).

Na tentativa de fugir dessa “sujeição”, destacou-se dentro das entrevistas, meios de atuarem como autônomas, todavia com finalidades distintas. E1 mantém-se com bolsas universitárias, utilizando como renda extra a prostituição e a venda de “adesivos e bebidinhas” em alguns festivais alternativos da cidade, E5 divide suas ocupações entre programas

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

e como cabeleireira na casa de clientes, E6 tem como seu principal sustento a atuação como profissional do sexo, mas comercializa “roupa, sapato, prata, folheados, de tudo um pouco” como forma de acumular ganhos a fim de algum dia conseguir sair das esquinas. Já E8 nunca se enquadrou ao modelo hierárquico adotado no mercado formal: “eu odeio que me mande (risos)”, encontrando na religião o seu lugar e sobrevivência, atuando como “pai de santo”. A propósito, foi exercendo esta função que pôde deixar de prostituir-se.

“Quem tá na chuva é pra se molhar, né?”

Podemos observar que as respostas obtidas são condizentes com o estudo de Soares (2000), asseverando que o mercado possui um perfil preferencial, dispensando quem destoa desse padrão: “vamos dizer que fosse eu e mais um afeminado, eles vão querer pegar quem tem mais cara de homem, se vestindo de homem, do que pegar uma que tá vestida de mulher, entendesse?” (E4).

Como encontrado por Carrieri, Souza e Aguiar (2014), a rejeição tende a acontecer já no processo de seleção: “existe uma desvantagem total. Se eu chegar aqui neste posto, largar um currículo meu e largar um teu, quem tu acha que eles vão chamar? Por mais que eu tenha experiência e tu não. Existe total, e a pessoa transexual vê isso na hora da entrevista de emprego” (E7).

De acordo com suas vivências, as interpeladas perceberam que os gays possuem mais facilidade para adentrar no mercado de trabalho formal, pois sua orientação sexual não afeta sua imagem (IRIGARAY e FREITAS, 2013): “porque o gay se veste como homem e a sociedade aceita aquilo ali” (E8). Inclusive, em contato com empresários que afirmam

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

admitir nas suas organizações funcionários da classe LGBT, sem restrições, E7 questiona: “quando um empresário me olha e diz assim: ‘eu tenho uma lésbica trabalhando pra mim’, ‘eu tenho um gay trabalhando pra mim’, tu tem alguma trans trabalhando pra ti?”. Até mesmo em cargos operacionais, a aparência torna-se um empecilho:

Eu queria ser vendedora de loja, era o meu sonho ser caixa, eu era apaixonada por isso [...] nunca me deram oportunidade. Mas eu sentia que não me davam oportunidade por causa do meu estereótipo, do meu físico, elas olhavam e: ‘como é que eu vou colocar essa criatura na frente de um caixa pra atender?’, tu sentia isso, tendesse? [...] Se eles pegarem, começarem a contratar as pessoas pelas capacidades que elas tem e não pelo que elas vestem, a coisa muda (E3).

Dentro do mercado de trabalho formal, a área da beleza e do telemarketing é identificada por todas como o único espaço acessível às transgêneros:

O espaço quando ele é dado dentro do mercado de trabalho formal é de subempregos assim, sabe? Telemarketing... ai que ruim falar isso né? Subempregos... mas é. Num salão de cabeleireiro, por exemplo, etc. Uma porque você vai tá trabalhando com um público que ele não vai tá te vendo, no caso do telemarketing, e outra que o trabalho, por exemplo, num salão de beleza, o cliente chega, senta, tu faz o cabelo dele/dela e acabou, sabe? Então, é diferente num trabalho, sei lá, de recepcionista, que você tá representando uma empresa, e aí a primeira imagem que a pessoa tem dessa empresa é a recepcionista, é a recepção. E aí né, a pessoa chega e vê uma travesti, uma transexual... a empresa não quer essa imagem da travesti, da transexual relacionada à empresa, sabe? (E2).

Embora sejam vistas como “aberrações” (E3), as entrevistadas são indivíduos normais, que possuem as mesmas necessidades referentes a

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

qualquer outra pessoa, como trabalhar, comer, pagar contas, etc. Portanto, ser transexual ou travesti não influencia em suas capacidades e competências, e que são capazes de exercer qualquer cargo: “todo mundo tem capacidade, todo mundo é ser humano, todo mundo tem o mesmo QI, aqui ninguém é galinha pra ter QI baixo” (E3). Ademais, E3, E7 e E8 afirmam serem bem quistas em suas áreas de atuação: “no meio político eu sou uma pessoa bem conceituada e bem quista, tá?” (E7).

### Quadros em branco

Para aumentar a participação de transexuais e travestis no mercado profissional, várias soluções foram propostas pelo grupo pesquisado. E1 acredita que a mídia possui grande influência na sociedade: “acho que falta uma campanha publicitária assim, uma coisa muito séria assim [...] a mídia é tudo hoje em dia, então acho que a mídia tinha que focar numa participação das trans, representatividade mesmo, sabe? E não em papéis escrachados ou zoados”. E2 espera que as pessoas reflitam acerca da diversidade: “eu acho que conscientizar e, principalmente, se conscientizar né de que a questão maior é o respeito, sabe? [...] Respeitar que a gente também pode tá trabalhando, que a gente pode sim ser contratada pra trabalhos formais e etc”. As propostas citadas por E3 e E4 convergem, envolvendo atuação de ONG’s e disponibilização de cursos preparatórios exclusivos para o público trans:

Acho que hoje em dia a gente tem bastante ONG’s, né? Que eu acho que poderiam viabilizar um caminho mais rápido, pra fazer com que aquelas que não terminaram os estudos, concluem. [...] Gente, se as pessoas não derem ajuda, não puxarem alguma coisa pras minorias, não vai acontecer, tu entendeu? Não vai acontecer. Porque tu não vai sair de dentro da tua casa e enfrentar um colégio à

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

noite, de segundo grau, aonde tu sabe que tu vai ser hostilizada ainda, porque existe. Não vai acontecer (E3).

Uma política semelhante ao programa Aprendiz Legal<sup>13</sup>, foi apontada por E5 para oferecer oportunidades de capacitação para essa comunidade: “o curso fosse gratuito ou um estágio, uma função assim, que desse alguma oportunidade até pra pegar um gostinho, pra pessoa ver... até quem tá empregando ver que as pessoas têm condições de fazer aquilo, sabe?”.

Já E6, E7 e E8 possuem opiniões similares, propondo a instituição de projetos de lei que visam a obrigatoriedade das organizações em contratarem travestis e transexuais: “se a política não ajudar nisso, ninguém vai conseguir. Então, o que seria feito seria um projeto de lei que obrigue cada empresário ter no mínimo duas travestis ou transexuais na empresa. Isso aí já incluiria muita gente no mercado de trabalho” (E7).

89

Nada como um dia após o outro

Apesar de todas as adversidades que permeiam o cotidiano das mulheres transexuais e das travestis, elas não deixam de buscarem realizar os seus sonhos. Entre os planos para o futuro das entrevistadas destacam-se o interesse em ampliar seus conhecimentos através da conclusão dos estudos e ingresso em uma universidade, cobiçando um currículo mais qualificado em referência ao mercado de trabalho.

E1 quer continuar no meio acadêmico, se tornar uma professora universitária e residir em um local onde as pessoas sejam mais tolerantes acerca da sua condição (se possível no litoral): “tenho planos, super plano de um dia tá formada, estudando e dando aula, mas morando num lugar

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://site.aprendizlegal.org.br/o-que-e>>

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

maravilhoso, como Florianópolis, por exemplo, ou como Recife... então, escolher um lugar que vai ser o lugar dos sonhos, que não tenha tanta violência”.

Além de “ficar rica (risos)”, E2 também pretende atuar na área acadêmica e enfrentar os seus medos: “então, eu pretendo obviamente me formar e posteriormente fazer um mestrado e um doutorado, e vencer meus medos da sala de aula e ser professora universitária”.

Ingressar na faculdade de Psicologia ou Direito e ajudar as pessoas trans está nos planos de E3, que acredita que tem “muito pra contribuir, eu tenho uma cabeça boa”. De fato, durante a entrevista, E3 se mostrou bastante preocupada com a causa e espera que a situação mude algum dia: “eu pretendo estudar, voltar a estudar. Pretendo voltar a estudar porque eu quero mesmo. Quero ver se eu consigo, né? E ver o que vai acontecer lá na frente porque eu quero uma formação maior. [...] Eu acredito que eu poderia ajudar mais as pessoas”.

Do mesmo modo, E4 almeja realizar uma graduação em duas áreas distintas, sendo que uma delas inclui, justamente, a atitude de auxiliar a sociedade e causar o bem ao próximo: “sou cabeleireiro, adoro ser cabeleireiro, mas eu quero fazer turismo ou ser assistente social (risos). Nada a ver uma coisa com a outra, né? Mas uma dessas duas eu quero tentar, turismo ou assistente social”.

E5 passou no processo seletivo de um curso técnico em Vestuário e está aguardando o começo das aulas no próximo ano. Dessa forma, ainda não está descartada a possibilidade de cursar Gestão Pública, mas as prioridades são outras:

Quero ter minha casa e nessa minha casa eu quero ter uma peça que eu possa fazer um salão de cabeleireiro, um salãozinho de costura. Eu tenho máquina, tenho overlock,

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

eu tenho modelo, eu faço... E ter meu, uma outra casinha que eu pudesse assim ó, abrigar as minhas colegas, sabe? Eu sei de muitas trans que não tem família, hoje em dia são sozinhas e eu acho que ninguém vive sozinha, porque eu sei que um dia eu também vou ficar sozinha (E5).

A preocupação demonstrada por E6 reflete a incerteza que é atuar na prostituição. Da mesma forma que o mercado formal exige, a prostituição também detém de características que lhe agradam mais. Prefere-se um perfil mais jovem das profissionais do sexo, o que a torna uma profissão de pouca perspectiva (GARCIA, 2007). Matricular-se em um curso de capacitação é uma das opções, mas sem qualquer data estipulada:

Quem tá na chuva é pra se molhar, né? Eu pretendo garantir o meu futuro já agora, pra amanhã e depois, eu não depender de ninguém, porque apesar da prostituição ser a prostituição mesmo, quanto mais velha tu ficar, menos espaço tu vai ter dentro dela, então tu precisa garantir agora. [...] (perguntada sobre voltar a estudar) É, alguma coisa... me especializar em alguma coisa (E6).

Tal como E6, E7 planeja terminar os estudos, mas ainda não estabeleceu um prazo. Gostaria de conseguir continuar atuando na vida política, onde se vê realizada, exercendo a função que ama: “me vejo daqui a oito anos já eleita deputada e conseguindo trabalhar em prol do que eu acredito, entendeu? Fazendo o que eu acho certo. [...] A minha vida é a vida política, não adianta”.

E8 é a única que não pretende retomar os estudos. Por sua difícil trajetória de vida, onde teve que conviver com a marginalidade das ruas, envolvendo violência e preconceito, e por hoje tratar-se de uma pessoa já experienciada, possui um simples sonho: “meus planos? Viver um dia após o outro”.

## **Considerações finais**

No presente estudo, tivemos como objetivo descrever o mercado de trabalho sob a perspectiva de travestis e mulheres transexuais da cidade de Pelotas, através de entrevistas que buscavam relatar as vivências e experiências do grupo dentro do mercado formal e informal, a fim de colaborar com os poucos estudos realizados acerca deste assunto, trazendo a reflexão para a área da Administração, de modo que a diversidade seja mais discutida nas organizações.

Dessa forma, concluímos que o mercado de trabalho é limitado, o espaço que lhes é permitido é restrito à área da beleza, telemarketing e prostituição. O conceito de trabalho, interpretado por elas como uma necessidade, pode ser relacionado às áreas delimitantes citadas. O salão de beleza, que além de ter o lado artístico, também envolve o próprio processo de transformação que as interpeladas passaram, demonstrando o saber-fazer por elas. Assim como o telemarketing e a prostituição, meios que podem ser compreendidos como formas de torná-las invisíveis, seja através da noite ou do telefone.

Na busca por um ofício no mercado formal, as dificuldades em serem selecionadas são visíveis. A autonomia, bem como a prostituição, são modos de proverem seus rendimentos. Porém, ante todos os percalços defrontados, prevalece o interesse em conquistarem um emprego regular e/ou ampliarem suas esferas de conhecimento.

Além disso, procuramos averiguar os motivos que permeiam a baixa atuação deste público no mercado de trabalho convencional, suas percepções relativas a si próprias, ao espaço que é atribuído a elas na sociedade e suas relações familiares e escolares. Verificamos que a não

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

inserção de travestis e mulheres transexuais no âmbito profissional se dá pela falta de oportunidades ocasionadas, principalmente, pelo receio das empresas em relação à imagem transmitida aos seus clientes. Nota-se claramente a contradição que o discurso da meritocracia produz. Por mais que algumas sejam qualificadas curricularmente para uma vaga de emprego, a questão da aparência prevalece e as transgêneros acabam sendo preteridas.

Também observamos que elas demonstram imensa satisfação por suas identidades e pelos caminhos que trilharam, ainda que transitar à luz do dia pela cidade seja dificultoso e incomum. No que tange o núcleo familiar, embora haja certa resistência em aprovar a escolha das interlocutoras, a maioria obteve a compreensão dos pais e parentes próximos. Referente à escola, constatamos que este é o ambiente mais conturbado e agressivo, ocasionado pela percepção de que não se enquadravam aos padrões e à incompreensão dos colegas.

Para enriquecer nosso objetivo principal, exploramos o ambiente de trabalho de acordo com suas experiências atuais e/ou anteriores, sendo que todo o grupo já havia tido algum vínculo empregatício. Foi exposto que a relação com os colegas de trabalho era agradável, de apoio e respeito, porém, alguns entraves advinham da relação com os clientes dos locais onde atuaram. Além do mais, questionamos sobre os seus planos para o futuro, que dentro da maioria, envolvem cursos de qualificação e graduação como forma de evoluírem economicamente e conquistarem seus sonhos.

Ao fim solicitamos que as entrevistadas dessem sugestões para reverter o cenário atual do mercado de trabalho, em que poucas travestis e mulheres transexuais encontram-se inseridas. Destacam-se entre as

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

propostas a criação de políticas públicas e projetos de lei, ações mais enfáticas de ONG's e da mídia e conscientização da população. A intervenção de órgãos terceiros e instituições públicas, escancaram a exclusão por parte da sociedade, sendo necessária a criação de medidas obrigatórias que auxiliem na inclusão das travestis e pessoas transexuais no mercado de trabalho formal.

Nesse sentido, diante do quadro exposto, acreditamos que é de suma importância a realização de outros estudos que abordem essa temática. Inclusive, pesquisas que relatem o ponto de vista das organizações sobre a inserção de transgêneros no mercado de trabalho poderiam complementar os trabalhos semelhantes a este apresentado.

Até dentro da área da Administração esse assunto deveria ser melhor explorado, principalmente por se tratar de um campo que forma profissionais que podem se envolver diretamente com o tema. Pesquisar a temática aqui tratada, só tende a fomentar um maior senso crítico entre professores, funcionários e alunos, trazendo histórias e experiências tão densas e agregadoras de conhecimento. Os relatos descritos confrontam ideias que são fortemente reproduzidas dentro do mercado de trabalho e colocam em evidência o discurso aparentemente imparcial.

Não obstante, a discussão desse assunto não pode se limitar apenas ao âmbito acadêmico. A história se repete a cada dia, agressões e assassinatos acontecem a sangue frio<sup>14</sup>, e as atitudes tomadas ocorrem de maneira lenta e sem real efetividade. A intolerância contra tudo que se mostra diferente do que estamos acostumados, deve ser debatido também pela população, dentro das escolas, dos consultórios médicos, das instituições religiosas, do ônibus, enfim, em todos os ambientes que circulam e estabeleçam relações sociais.

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://redetransbrasil.org/dossiecirc2016.html>>

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

Concluimos nosso estudo com a fala de uma de nossas interlocutoras que reflete todo o processo da pesquisa, englobando o espaço, estigma e limitações impostas ao público transgênero, reafirmando a capacidade que todos nós possuímos, independente de sexo, gênero ou aparência: “uma transexual é capaz de ser juíza, de ser uma advogada, de ser uma professora, de ser uma atendente de loja, tudo. É uma pessoa igual a qualquer outra. Então é ridículo dizer que é a única coisa que uma pessoa possa fazer (trabalhar na área da beleza). Não existe isso” (E7).

### Referências

BENEDETTI, Marcos. **Toda Feita: O Corpo e o Gênero das Travestis**. Rio de Janeiro: Gramond, 2005.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549, jan. 2011. ISSN 1806-9584. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200016/19404>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CARRIERI, Alexandre de Pádua; SOUZA, Eloisio Moulin de; AGUIAR, Ana Rosa Camillo. Trabalho, violência e sexualidade: estudo de lésbicas, travestis e transexuais. **Rev. Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 18, n. 1, p. 78-95, fev. 2014. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-65552014000100006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552014000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 22 ago. 2017.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 17-18, p. 9-79, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332002000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332002000100002&lng=en&nrm=iso)>.

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

Acesso em: 24 jun.2017.

FERREIRA, Rubens da Silva. "CIDADE DAS BONECAS": Etnografia do cotidiano “trans” em Belém do Pará. **Revista Margens Interdisciplinar**, [S.l.], v. 3, n. 4, p. 53-70, maio 2016. ISSN 1982-5374. Disponível em: <<http://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2937/3013>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. **Dragões: Gênero, corpo, trabalho e violência na formação da identidade entre travestis de baixa renda**. 2007. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-04032010-115652/pt-br.php>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1988.

IRIGARAY, Helio Arthur. Identidades sexuais não-hegemônicas: a inserção de travestis e transexuais no mundo do trabalho sob a ótica queer. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, VI, 2010, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPAD, 2010. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/eneo425.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

IRIGARAY, Helio Arthur; FREITAS, Maria Ester. Estratégia de Sobrevivência dos Gays no Ambiente de Trabalho. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 75-92, abr. 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2013000100006&lng=es&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2013000100006&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 18 jul. 2017.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2ª ed, Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%80NERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

LIVINGSTON, Jennie. **Paris is Burning**. Produção: Jennie Livingston. Santa Monica: Miramax Films, 1991. 1 filme (76 min). Disponível em:

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

<<https://www.youtube.com/watch?v=hedJer7I1vI>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

MATTOS, Fernando Augusto Mansor de. Avanços e dificuldades para o mercado de trabalho. *Estud. av.*, São Paulo, v. 29, n. 85, p. 69-85, dez. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142015000300006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142015000300006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 22 jul. 2017.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. FORA DO SUJEITO E FORA DO LUGAR: Reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. *Revista Gênero*, Niterói, v. 7, n. 2, p. 255-267, 1. sem. 2007. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/02112009-124220miskolcipelucio.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

MULLER, Magnor Ido; KNAUTH, Daniela Riva. “Os médicos nunca me tocaram um dedo! Eu cansei daquele posto!”: A percepção das travestis quanto ao atendimento público de saúde. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1300128489\\_ARQUIVO\\_fg9\\_texto\\_medicalizacao.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1300128489_ARQUIVO_fg9_texto_medicalizacao.pdf)>. Acesso em: 02 jul. 2017.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 25, p. 217-248, dez. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332005000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000200009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 05 jul. 2017.

OLIVEIRA, Marcelo José. **O lugar do travesti em Desterro**. 1997. Dissertação (Mestrado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/77243>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

RONDAS, Lincoln de Oliveira; MACHADO, Lucília Regina de Souza. Inserção profissional de travestis no mundo do trabalho: das estratégias pessoais às políticas de inclusão. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del Rey, v. 10, n. 01, p. 194-207, jan.-jun. 2015.

**“PORTAS ENTREABERTAS: O MERCADO DE TRABALHO SOB A PERSPECTIVA DE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS**

Rodolfo Correa Pizzi | Camila Zacher Pereira | Marcio Silva Rodrigues

Disponível em: <[http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/15\\_Rondas.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/15_Rondas.pdf)>. Acesso em: 25 jul. 2017.

SILVA, Mariléia Maria da. Redes de relações sociais e acesso ao emprego entre os jovens: o discurso da meritocracia em questão. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 110, p. 243-260, mar. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302010000100013&lngn&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000100013&lngn&nrm=iso)>. Acesso em: 22 jul. 2017.

SOARES, Sergei Suarez Dillon. **O Perfil da Discriminação no Mercado de Trabalho: Homens Negros, Mulheres Brancas e Mulheres Negras.** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Brasília, 2000. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_0769.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0769.pdf)>. Acesso em: 22 ago. 2017.

SOUZA, Heloisa Aparecida de; BERNARDO, Marcia Hespanhol. TRANSEXUALIDADE: As consequências do preconceito escolar para a vida profissional. **Revista Bagoas - Estudos Gays: Gênero e Sexualidade**, Natal, v. 8, n. 11, p. 157-175, jul.-dez. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6548>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa**

qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; ZOUAIN, Deborah Moraes. **Pesquisa qualitativa em Administração.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

**Submetido em: 30/06/2017**

**Aprovado em: 01/09/2017**